

II Colóquio Internacional

Maria Ondina Braga

Viagens e Culturas em Diálogo

Resumos das comunicações

Museu Nogueira da Silva /UM

Braga

3 e 4 de outubro de 2018

A iniciativa deste Colóquio e a sua organização cabem a três entidades: o Museu Nogueira da Silva - Unidade Cultural da Universidade do Minho, que alberga o espólio da escritora; o Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM) da Universidade do Minho; e o Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) da Universidade Católica Portuguesa. Com vista à promoção e divulgação da obra de Maria Ondina Braga, a estas iniciativas outras se seguirão.

Comissão organizadora

Isabel Cristina Mateus

Universidade do Minho

Cândido Oliveira Martins

Universidade Católica

Carlos Cruz Corais

Amigos do MNS

Miguel Bandeira Duarte

Museu Nogueira da Silva/ UM

Maria Helena Trindade

Museu Nogueira da Silva/ UM

Comissão Científica

Ana Gabriela Macedo

Universidade do Minho

Claire Williams

Oxford University

Dora Gago

Universidade de Macau

José Manuel Mendes

Associação Portuguesa de Escritores

Maria Araújo Silva

Université de Paris-Sorbonne, Paris IV

Maria Graciete Besse

Université de Paris-Sorbonne, Paris IV

Orlando Grossegesse

Universidade do Minho

Secretariado

Maria Helena Trindade

Museu Nogueira da Silva/ UM

Emília Ferreira

Div. Financeira/ MNS

Alice Soares

Divulgação/ MNS

email do Colóquio:

mariaondinabraga@gmail.com

website:

<http://www.mns.uminho.pt/cimob2>

telefone:

(+351) 253 601 275

Apresentação

A obra literária de Maria Ondina Braga ocupa um espaço muito singular na literatura portuguesa contemporânea, nomeadamente por conceder enorme atenção à ampla temática da viagens e, consequentemente, à realidade dos diálogos interculturais, num olhar aberto, plural e humanista, sendo por isso motivadora de grande atração e pluralidade de leituras. Nesse sentido, podemos falar de uma fecunda “poética da relação” (Éduard Glissant), que põe em diálogo territórios e culturas mais ou menos distantes – Norte e Sul, sobretudo Ocidente e Oriente –, em cruzamentos e encontros inesperados e desafiadores.

Com efeito, a própria escritora se apresenta como “viajante do mundo”, numa escrita que manifestamente foi marcada pela experiência da errância e do auto-exílio, sem esquecer a viagem e exílio interiores – “Eu vim para ver a terra”. Num tempo de crises migratórias, de refugiados e de exilados, a “condição exílica” e o sentimento de “exiliência” (Alexis Nouss) desta autora, expressos tão intensamente através da sua escrita, apresentam-se hoje com uma enorme atualidade, proporcionando leituras através de um fecundo olhar comparatista (Edward W. Said).

Linhas temáticas:

Viagens geográficas e culturais

Viagens mentais e auto-ficção

Diálogos interculturais

Poética da errância e do exílio

Imagens do mito do Oriente

03/10 - 09:30

Viagens Literárias: Partida (conferência de abertura)

José Carlos Seabra Pereira

Universidade de Coimbra/CIEC

Ser em Suspensão

A escrita como (auto-)hospitalidade e a configuração do mito pessoal que a subtende na obra de Maria Ondina Braga.

A coerência orgânica de temática e forma na análise deambulatoria, por espaços intermédios, e na escrita comandada pela dominante de narrativa autobiográfica indirecta. A narrativa de errância melancólica e o discurso aberto para a indagação ontológica, metafísica, ou pelo menos para a inferência antropológica; primazia da sondagem do mistério humano através da compleição anímica e da deriva existencial de personagens diversas.

O regime de indefinição intencional da narrativa, gerindo ironicamente a incerteza da relação com os outros e com o mundo num estilo de pendor sentencioso, inferencial ou sapiencial – tudo sempre em fuga ou em ambígua suspensão, as pessoas e as palavras nas relações interpessoais, as palavras e os pensamentos no íntimo de cada um, os acontecimentos e os desejos nas vivências situadas.

Mãe de todas as esferas de indefinição (de contornos existenciais, de formas empíricas, de percepções fenoménicas, de presenças e atitudes...) é a diluição das fronteiras entre o imaginado e a efectiva experiência do real empírico; e antes de nos depararmos com acontecimentos, com pessoas e circunstâncias, já a arte de a narrativa fazer pressentir colocara a nossa sensibilidade em expectante intranquilidade.

Na extraordinária individuação do homo viator, que é “a grande viagem da vida” na obra de Maria Ondina Braga, impera um regime sombrio, se

não nocturno, de auto-análise e auto-representação, propenso à *interruption* do discurso e à suspensão do desejo de ser, por vezes em correlação com fixações objectais; os jogos de diferimento e os efeitos de expectativa e de aumento de desejo, com evidência para os motivos do ritual do chá e sobretudo da carta.

Ao abrigo da aura enigmática da identidade irredutível de cada pessoa, sugere uma valorização do inconformismo anímico e da irridência comportamental – todavia travada, porque auto-contida no temor de se dar ou de entregar o coração. E desde o início do *becoming* – demanda e fuga, mistério e segredo, de revelação do Eu, tentativa de leitura incerta e de escrita reticente do Inconsciente – paira a tentação de um nirvana de destituição, de um “alheamento” insatisfeito mas irredutível.

Palavras chave:

- análise deambulante - lugares intermédios - escrita de hospitalidade
- interruption e suspensão -mistério e alheamento

José Carlos Seabra Pereira

Doutor pelas Universidades de Poitiers e de Coimbra, Professor da Faculdade Letras de Coimbra e na Universidade Católica.

Coordenador científico do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos; membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra; Director da revista Estudos (CADC); Director do Secretariado Nacional para a Pastoral da Cultura (Portugal); etc. Membro do Conselho Executivo da Fundação Inês de Castro, do Conselho de Patronos da Fundação Arpad Szenes / Vieira da Silva, do Conselho Editorial do grupo Babel, etc. Preside aos júris do Prémio Inês de Castro e do Prémio de Poesia António Quadros; tem integrado os júris dos principais prémios literários de Portugal e da CPLP, nomeadamente do Prémio Camões, do Grande Prémio Leya e dos Prémios da Associação Portuguesa de Escritores, do Prémio Vergílio Ferreira, do Prémio Eduardo Lourenço, do Prémio Vasco Graça Moura - Cidadania Cultural, etc.

Autor de cerca de quinhentas conferências e palestras, de numerosos ensaios e estudos monográficos, de edições críticas ou paracríticas (Obras de Gomes Leal, Raul Brandão,

Florbela Espanca, etc.), de centenas de artigos em revistas especializadas e verbetes em enciclopédias, e de uma vintena de livros, com destaque para:

Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa (1975);

Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu (1979);

Autour de la Thématique Politique et de L'Engagement dans la Littérature Portugaise (1982);

L'Action Littéraire et l'Oeuvre Poétique de João de Barros (1983);

Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa (1999), 2 vols.;

vol.VII da *História Crítica da Literatura Portuguesa: Do Fim-De-Século ao Modernismo* (1995);

António Nobre: Projecto e Destino (2000);

O Essencial sobre António Nobre (2001);

O tempo republicano da literatura portuguesa (2010);

Aquilino - a escrita vital (Lisboa, 2014), Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Críticos Literários

O Delta Literário de Macau (Macau, 2015), Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores

03/10 - 11:00

Viagem 1

Dora Nunes Gago

Universidade de Macau

Angústia em Pequim: diálogo intercultural e intertextualidade

Na obra *Angústia em Pequim* acompanhamos o olhar de Maria Ondina Braga por uma cidade que se assume como sinédoque de uma China acabada de sair da Revolução Cultural, em cujas ruas se fundem o presente, a memória do passado e a promessa do futuro, em cujas esquinas a narradora se confronta com o distinto, o diverso, vivenciando a estranheza do outro, tentando desenhar “pontes” entre a identidade e a alteridade.

Neste contexto, partindo dos pressupostos teóricos de Kristeva, Tiphaine Samoyault, Genette (entre outros) o nosso intuito será analisar o modo a intertextualidade, consubstanciada tanto na presença de lendas chinesas, citações, referências e alusões a poetas chineses e figuras históricas se revela como um elemento crucial na construção da memória e da “imagem do outro” na tessitura da narrativa, delineando-se como um dos alicerces do diálogo intercultural.

Palavras-chave:

- intertextualidade - interculturalidade - Pequim
- Maria Ondina Braga - memória

Dora Nunes Gago

Dora Nunes Gago é Professora Associada de Literatura no Departamento de Português da Universidade de Macau (China) e, actualmente, vice-directora desse departamento e coordenadora dos cursos de pós-graduação.

Doutorada em Línguas e Literaturas Românicas Comparadas, foi Leitora do Instituto Camões no Uruguai, investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro e “visiting scholar” na Universidade de Massachusetts Amherst (Estados Unidos). Participa regularmente em Congressos Internacionais e publicou, um considerável número de artigos em revistas académicas e capítulos de livros. De entre as suas publicações destaca-se: *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*, Fundação Calouste Gulbenkian/ FCT, para além de vários livros de contos e poesia.

É colaboradora dos centros de investigação: CHAM e CETAPS (Universidade Nova de

Lisboa) e do CLC (Universidade de Aveiro), integra também o conselho editorial de revistas académicas como a *InterDisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies* (EUA).

Sobre a obra de Maria Ondina Braga publicou até ao momento 3 capítulos de livros e artigos nas revistas académicas: *Colóquio Letras*, *Romance Notes*, *Alea. Estudos Neolatinos*, *Acta Scientiarum* e *Moderna Sprach*.

03/10 - 11:00

Viagem 1

Maria Araújo Silva

Sorbonne Université – CRIMIC

*Segredo, identidade e Relação
em Maria Ondina Braga*

A viagem por geografias distantes e o encontro com o Outro são elementos catalizadores do processo de aprofundamento e de desenvolvimento da interioridade situados no centro da escrita ondianiana. Nos espaços da alteridade, o sujeito realiza um árduo percurso de autoconhecimento, dividido entre o apego às origens e o apelo do desconhecido, um “entre-dois” em permanente construção e alvo de fascínio e estranhamento. Num incessante movimento de busca identitária, o Eu inscreve-se numa Relação dinâmica de aproximação e distância, de pertença e separação que contribui para o reconhecimento de uma alteridade irreduzível a qualquer assimilação, de uma heterogeneidade intrínseca e invariavelmente inacessível. Verdadeiro leitmotiv da obra ondianiana, o segredo destaca-se na problematização da relação entre o Mesmo e o Outro e na elaboração de um jogo estratégico entre a dinâmica de ocultação permanentemente criada e a aspiração ao desvendamento que procuraremos aqui evidenciar.

Palavras-chave:

- Maria Ondina Braga -segredo - identidade - Relação.

Maria Araújo da Silva

Professora Associada na Universidade Paris-Sorbonne desde 2006. Autora de uma tese de Doutoramento sobre Maria Ondina Braga, trabalha sobre literatura portuguesa contemporânea e interessa-se particularmente por questões de género, escrita e representações do feminino. Obteve, em 2009, o Prémio Literário Maria Ondina Braga e publicou vários artigos sobre literatura portuguesa contemporânea em obras coletivas e revistas de estudos lusófonos. Membro do CRIMIC – Sorbonne Université, codirigiu os volumes *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal - XIXe-XXe siècles* (2016) e *Exilance au féminin dans le monde lusophone, XIXe-XXe siècles* (2017).

03/10 - 14:30

Viagem 2

Claire Williams

University of Oxford

*Peixes fora da água:
Encontros multiculturais em alguns contos
d' O Homem da Ilha*

A procura de diálogo entre culturas ou grupos diferentes é uma temática frequente na obra de Maria Ondina Braga, inspirada sem dúvida por suas múltiplas viagens e visitas internacionais, ainda nos dias dos navios de longo curso, quando uma viagem de Macau a Portugal demoravameses a fio. Viagens marítimas, navios, mares e marinheiros são temas que recorrem nos textos e funcionam literal e simbolicamente.

Esta apresentação analisará alguns contos da colectânea O Homem da Ilha (1982) em que o ambiente físico (cenário, espaço, paisagem) de uma ou várias viagens facilita ou até promove encontros inesperados, reveladores de confrontos, de amizades, de coincidências, de namoros. Assim, a envolvência física intensifica as relações entre mulheres e homens, entre pessoas de nacionalidades, costumes e religiões diferentes. Os personagens estão sempre em trânsito, mas não sabem se os encontros conduzirão a um final feliz ou outra chegada, um destino mais imprevisto. Mesmo chegando a terra firme, correm sempre o risco de ser sempre peixes fora da água.

Palavras-chave:

- literatura de viagem - transporte - mobilidade - espaço, lugar - gênero
- encontros multiculturais

Claire Williams

Claire Williams é Associate Professor of Brazilian Literature and Culture na Universidade de Oxford, Reino Unido. A sua investigação foca a escrita de mulheres e de minorias oriunda do mundo lusófono. Interessam-lhe também relatos de viagem e “life-writing”. Publicou monografia *The Encounter Between Opposites in the Works of Clarice Lispector* (2006) e co-editou *Closer to the Wild Heart: Essays on Clarice Lispector* (2002), e *Feminine Singular: Women’s Life-Writing in the Luso-Hispanic World* (2017), além de artigos em jornais académicos em Brasil, Portugal, França, Reino Unido e os Estados Unidos. Prepara(co-edita) um volume de ensaios de crítica sobre a obra de Ana Luísa Amaral, outro resultando do colóquio internacional *After Clarice: Lispector’s Legacy* (2019) e outro sobre Transnational Portuguese Studies. No Reino Unido colabora com o “Centre for the Study of Contemporary Women’s

Writing” (Institute of Modern Languages Research, University of London). É membro do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e do comité editorial das revistas académicas *Portuguese Studies*, *Journal of Lusophone Studies* e *Bulletin of Contemporary Hispanic Studies*.

03/10 - 12:30

Viagem 2

Isabel Cristina Rodrigues

Universidade de Aveiro – CLLC

*Filhos de Cesário: o sensacionismo tranquilo
de Maria Ondina Braga e Paulo Varela Gomes*

Não tendo nunca coexistido Maria Ondina Braga e Paulo Varela Gomes nos espaços que determinaram as respetivas obras (Angola e o Oriente, em Maria Ondina, e sobretudo Goa, no caso de Varela Gomes), as crónicas de ambos permitem-nos estabelecer uma certa homologia no modo como o espírito do lugar se deixa apreender pela sensibilidade narrativa dos dois escritores, filhos inconfessos de Cesário e partilhando, em relação à figura tutelar desse pai simbólico, a mesma crença na potencialidade expressiva da sensação enquanto alfabeto por excelência da perceção imaginativa do espaço. Esta comunicação procurará, assim, expor o modo como o sensacionismo tranquilo de Maria Ondina Braga e de Paulo Varela Gomes os institui como possíveis discípulos de um mestre a haver e, em simultâneo, como parceiros de um mesmo programa estético-literário.

Palavras-chave:

- lugar - atenção - imaginação - sensacionismo

Isabel Cristina Rodrigues

Isabel Cristina Rodrigues nasceu em Coimbra em 1967 e licenciou-se em 1989 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Franceses). É Professora do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro desde 1991, tendo apresentado uma dissertação de doutoramento sobre a obra de Vergílio Ferreira (*A Palavra Submersa. Silêncio e Produção de Sentido em Vergílio Ferreira*), publicada em 2016 pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, obra esta que foi contemplada com o Grande Prémio de “Ensaio Eduardo Prado Coelho” da APE (2016). Tem ainda outros dois volumes dedicados ao escritor, *A Poética do Romance em Vergílio Ferreira* (Lisboa, Colibri, 2000) e *A vocação do lume. Ensaios sobre Vergílio Ferreira* (Coimbra, Angelus Novus, 2009), exercendo maioritariamente a sua docência e investigação nos domínios da Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e da Teoria da Literatura, em cujo âmbito tem

publicado ensaios em revistas nacionais e estrangeiras. Em extensão do seu percurso académico, tem integrado júris de prémios literários como os da Associação Portuguesa de Escritores (Grande Prémio de Romance e Novela, Grande Prémio de Literatura Biográfica e Grande Prémio de Ensaio), bem como o painel de Estudos Literários encarregado da avaliação de Projetos de Doutoramento e Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

03/10 - 14:30

Viagem 2

Mônica Muniz de Souza Simas

Universidade de São Paulo – FFLCH - DLCV

Caminhar pelo inacessível: o sobrenatural em Maria Ondina Braga

Maria Ondina Braga é uma escritora de rara sensibilidade cuja obra é indissociável da experiência da errância e das vivências no Oriente, em especial, aquelas passadas em Macau. A errância motiva-a tecer uma escrita marcada pelo estranhamento da paisagem, de si própria em suas memórias, de decifração incógnita do destino. Esta comunicação pretende revisitar cenas de Macau nas obras *A China fica ao lado* (1968), *Estátua de Sal* (1969), *Nocturno em Macau* (1991) e *Passagem ao Cabo* (1994), buscando caracterizar o olhar narrativo em suas derivas por jogos de espelhos, espectros e o sobrenatural. No conto “O sobrenatural”, a narradora refere que está doente e que a raiz da sua doença está na razão de enxergar aquilo que não é. Alberto Caeiro, heterônimo pessoano, dizia que “pensar é estar doente dos olhos”. Será que podemos dizer que o olhar da prosa ondiana é um olhar que pensa sobre aquilo que contempla em constante ausência? Como o sobrenatural, o invisível e o mistério participam do pensamento que se narra em suas errâncias? Pretende-se analisar as indagações apresentadas através de algumas noções do conhecimento de si, de Michel Foucault, e da escrita como espaço de morte, de Maurice Blanchot. A metodologia de análise consiste em destacar e articular as cenas selecionadas, apresentando os elementos de estudo na dinâmica de uma auto-exegese do sujeito narrador. Resulta da análise que a prosa ondiana renova-se por perturbação sem apresentar o que será a decifração da consciência por ela mesma ou um sentido claro para o ser.

Palavras-chave:

- Literatura e errância - Literatura de Macau - prosa ondiana.

Mônica Simas

Mônica Simas é, desde 2003, Professora Associada da Universidade de São Paulo (USP). Coordena o LIA (Laboratório de Interlocações com a Ásia) e o Grupo Porta Macau: Literaturas, Línguas e Culturas, certificado pelo CNPq. É pesquisadora CNPq com o projeto Porta Macau: constructos ficcionais e poéticos de modos de viver em contextos multiculturais. Fez Pós-Doutorado, sob supervisão do Professor Yao Jingming, na Universidade de Macau, em 2015. Foi Professora Visitante na Universidade de Florença em 2014. Colabora também com o Grupo Literatura e Paisagens, coordenado pela Professora Ida Alves, da Universidade Federal Fluminense. As principais vertentes de pesquisa são as culturas portuguesas na Ásia, a Literatura de Macau e os orientalismos.

03/10 - 16:30

Viagem 3

Carina Infante do Carmo

Universidade do Algarve / CEC

*Maria Ondina Braga, Passagem do Cabo:
o sentido à contrecœur dos sinais de um Império
que se extingue*

Passagem do Cabo (1994) resulta da reescrita de crónicas que Maria Ondina Braga reunira quase trinta anos antes no volume *Eu Vim para Ver a Terra* (1965), então com chancela da Agência-Geral do Ultramar. A revisão do texto adensa a observação do humano, sem diminuir o deslumbramento com a paisagem africana, e combina a plasticidade da forma cronística com o testemunho autobiográfico. Em concreto, *Passagem do Cabo* dá sinal de um mal-estar à flor da pele de quem escreve por um tempo que presente estar a acabar-se, em Angola e Goa: de um lado, na imagem extasiada dos ambientes naturais e humanos, tomados pelo traço exótico ou monstruoso; do outro, na dificuldade de ler a aceleração histórica que começava a contar o princípio do fim do Império português.

Palavras-chave:

- História e autobiografia - crónica - Império Português -exótico

Carina Infante do Carmo

Professora Auxiliar da Universidade do Algarve. Doutora em Literatura e Cultura Portuguesas. Membro do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicou *Adolescer em Clausura. Olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre o Romance de Internato* (1998), *A Militância Melancólica ou a Figura de Autor em José Gomes Ferreira* (2010) e *A Visagem do Cronista. Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa - Séculos XIX-XXI* (2018, no prelo). Co-organizou com Paula Morão *Escrever a Vida. Verdade e Ficção* (2008); com Violante F. Magalhães os n.ºs 6, 7 e 14 da revista *Nova Síntese. Textos e Contextos do Neo-Realismo* sobre Manuel da Fonseca (2011), *Alves Redol* (2012) e *A Infância do Neo-realismo* (2018, no prelo). Com Silvana Pessoa e Fernando Baião Viotti co-organizou n.º. 57 da Revista do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil (2017) sobre poetas neo-realistas.

Curadora com Violante F. Magalhães da exposição temporária do Museu do Neo-realismo *Miúdos, a Vida, às Mãos Cheias. A Infância do Neo-realismo Português* (Dez 2017-Set. 2018). O seu projecto actual centra-se na crónica autobiográfica de Irene Lisboa e suas imagens das figuras populares.

03/10 - 16:30

Viagem 3

Teresa Carvalho

Universidade de Coimbra - CECH

Galgar a noite.

O humor na obra de Maria Ondina Braga

A crítica e o ensaísmo em torno da obra literária de Maria Ondina Braga tem posto em evidência, de forma inteiramente legítima, o seu pendor nocturno, a aproximação às faces mais sombrias do viver. No entanto, essa obra não desconhece a palavra brincada, o apontamento risonho nem os assombrados tons humorísticos, pressentidos como forma de amenizar canseiras, desalentos, negros sólidos, pontos-cegos. Esta comunicação propõe-se discutir a relevância desta matéria na produção literária da autora.

Palavras-chave:

- humor - ironia - riso

Teresa Carvalho

Teresa Carvalho é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestre em Poética e Hermenêutica com tese sobre a poesia de Manuel Alegre - Epopeia e Anti-epopeia: de Virgílio a Manuel Alegre (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008). Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e também do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), como domínios de investigação tem privilegiado a Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e a Literatura na sua relação com as Artes.

16:30

Maria Araújo da Silva

Université de Sorbonne – Paris IV

Materialidades do corpo na ficção ondiniiana

A viagem por geografias distantes e o encontro com o Outro são elementos catalizadores do processo de aprofundamento e de desenvolvimento da interioridade situados no centro da escrita ondiniiana. Nos espaços da alteridade, o sujeito realiza um árduo percurso de autoconhecimento, dividido entre o apego às origens e o apelo do desconhecido, um “entre-dois” em permanente construção e alvo de fascínio e estranhamento. Num incessante movimento de busca identitária, o Eu inscreve-se numa Relação dinâmica de aproximação e distância, de pertença e separação que contribui para o reconhecimento de uma alteridade irreduzível a qualquer assimilação, de uma heterogeneidade intrínseca e invariavelmente inacessível. Verdadeiro leitmotiv da obra ondiniiana, o segredo destaca-se na problematização da relação entre o Mesmo e o Outro e na elaboração de um jogo estratégico entre a dinâmica de ocultação permanentemente criada e a aspiração ao desvendamento que procuraremos aqui evidenciar.

Palavras-chave:

- Maria Ondina Braga - segredo - identidade - relação.

Maria Araújo Silva

Maria Araújo Silva é Professora Associada na Universidade da Sorbonne (Paris IV), onde leciona desde 2006.

Autora de uma tese de Doutoramento sobre a obra de Maria Ondina Braga, trabalha sobre literatura portuguesa contemporânea e interessa-se particularmente pelas questões de género, escrita da intimidade, identidade e alteridade.

Obteve, em 2009, o Prémio Literário Maria Ondina Braga com um ensaio intitulado *A viagem em busca de identidade na obra de Maria Ondina Braga* e publicou vários artigos sobre literatura portuguesa contemporânea em volumes coletivos e revistas de estudos lusófonos (entre as quais *Les Langues Néolatines*, *Quadrant*, *Censive*, *Latitudes*).

Actual membro do CRIMIC – Paris Sorbonne (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains), acaba de publicar, em colaboração com Maria Graciete Besse, o volume *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal (XIXe-XXe siècles)*,

Paris, Editions Indigo&Côté-Femmes, 2016. Tem atualmente no prelo o livro *Voyage et quête identitaire chez Maria Ondina Braga*, Argenteuil, Editions Convivium Lusophone, 2016.